

José de Mesquita
(Do Instituto Histórico de Mato Grosso
e do Centro Mattogrossense de Letras)

ELOGIO FUNEBRE

DO

General Doutor Caetano Manoel de Faria e Albuquerque

Proferido

EM SESSÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE MATTO GROSSO

A 30 de Dezembro de 1925

CUYABÁ
E. Professionaes Salesianas
MCMXXVI

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/byjmesquita.htm>

Cabe-me hoje pela terceira vez, occupar esta tribuna, em obediência ao art. 25 dos nossos Estatutos, para, no character de orador do Instituto Histórico de Matto Grosso, recitar o elogio de um dos consócios que a Morte acaba de nos arrebatat.

É elle o General Doutor Caetano Manoel de Faria e Albuquerque sócio correspondente acclamado na sessão de fundação, a 1 de Janeiro de 1919 e que occupava o n° 34 no cadastro geral dos membros desta sociedade.

Personalidade assaz complexa, sendo varias as modalidades sob as quaes pode ser visualizada, difficil se me tornou dar a este ensaio feição synthetica, sob pena de sacrificar aspectos imprescindiveis do assumpto, e ahi está porque desde logo, entro a pedir-vos me excuseis do extenso da matéria, que ainda assim não passa de bosquejo muito ao de leve do que foi a vida fecunda e cheia do nosso inesquecível confrade.

A ancestralidade

Meava o século passado quando em Cuyabá se consorciaram o Te. Cel. Caetano Manoel de Faria e Albuquerque, Commandante das armas da então Província de Matto Grosso, natural de Pernambuco e Francelina da Silva Pereira—os pais do nosso saudoso confrade.

Para o seu enlace mister lhes foi justificarem, no juízo ecclesiástico, o parentesco entre ambos existente—netos que eram de Francisco Xavier da Silva Pereira e

JOSÉ DE MESQUITA

Marianna Benedicta de Albuquerque, primos, por tanto em segundo grau. (1) .

Os Silva Pereira—família importante e numerosa, ramificada em Matto Grosso, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco têm o seu tronco ancestral no Brasil em Francisco Xavier da Silva Pereira, portuguez, que em 1812 já se encontrava em Cuyabá “casado, vivendo do seu negocio” contando cerca de 53 annos, filho de José da Silva Pereira, e Rosa Maria Caetana de Viterbo, ambos, como elle, lisboetas. (2)

De seu casamento cola Marianna Benedicta de Albuquerque, filha de Benedicto do Amaral Coutinho e Marianna de Albuquerque, de origem goyana, houve Xavier, entre outros filhos, os de nome Maria Benedicta, mãe do Te. Cel. Caetano, e Caetano Xavier que desposando Leocadia Maria Isabel Serra, filha do rico senhor de engenho no districto da Serra Acima. Antonio Joaquim Moreira Serra e Maria Ignacia Leme de Brito, veio a ser o pai de Francelina, a futura esposa do Te. Cel. Caetano de Albuquerque.

Do casal Albuquerque—Silva Pereira, originou-se, alem de mais dois filhos, o nosso homenageado de hoje que, nascido em Cuyabá a 11 de Janeiro de 1857, recebeu, no baptismo o mesmo nome paterno.

É assim das mais illustres a estirpe de que procede o nosso saudoso patricio, ligando-se ainda os Silva Pereira e Albuquerque aos Pimenta Bueno pelos laços de affinidade oriundos da união do depois Marquez de S. Vicente com Balbina Henriqueta de Faria e Albuquerque.

Inicio de carreira

A 9 de Setembro de 1852 aportava a Cuyabá, para investir-se nas funções de ajudante de ordens do Com. das armas, um joven capitão de engenheiros, alto, bem

(1) Justif. no Cartório Ecclesiástico

(2) Justif. no Cartorio Orph. do 1° Offício

Elogio Fúnebre - General Doutor Caetano Manoel de Faria e Albuquerque apessoado, no seu uniforme vistoso, figura destinada a impôr-se naquelle meio provinciano pelos seus dotes, que iam do porte marcial e presença insinuativa á palavra cálida e fácil e ao desembaraçado manejo da penna que, no floreio elegante da phrase, dia a dia se avantajava, como se fosse nas suas mãos destras a mais delicada arma de combate.

Atravessava a província uma phase de vitalidade e esperança, sob a administração, do segundo Alencastro, memorada ainda hoje atravez dos beneficios que legou á capital, consubstanciados no serviço de abastecimento d'água e na construção do logradouro publico que lhe conserva o nome, como preito reconhecido dos cuyabanos ao illustre rio-grandense que assim ficou ligado á historia da cidade.

O moço official que regressava ao sojorno natal após alguns annos de ausência possuía já, bem que lhe andasse a idade apenas pelos vinte e cinco annos, um passado honroso, pois que, havendo começado a sua carreira aos 14 annos, galgara, em pouco mais de uma década, os três primeiros postos da milícia, completando, com raro brilho, dentro dos estrictos cinco annos regulamentares, o curso polytechnico.

Lograra, ao cabo do lustro de estudos escolares, permissão para ir ao velho mundo "visitar os mais importantes estabelecimentos militares" afim de "estudar os melhoramentos que possam sêr introduzidos no nosso Exercito."

Da Europa, que percorreu com olhos argutos de observador e atilada percepção intellectual, ficaram-lhe duradouras impressões que jamais se lhe apagariam do espirito, tanto mais que, em 1911, lhe seria dado, já em plena maturidade vital, reavival-as em proficua, ainda que rápida, excursão.

Longe de andar pelas cidades do gozo e da futilidade, onde a alegria referve nas noitadas dos casinos,

JOSÉ DE MESQUITA

nas diversões do Éden -Park, ou na bohémia de Mont-Martre, o espirito curioso do joven official mattogrossense procurou tirar dessa magnífica oportunidade que a fortuna, lhe offerencia ensejo á aquisição de novos cabedaes com que se lhe enricasse o cérebro ávido de conhecer e pesquisar os arcanos intermináveis das Sciencias e das artes.

Eil-o, pois, a deter-se no exame demorado dos assumptos technicos de sua especialidade, na visita aos museos de arte e ás bibliothecas, aos jardins botânicos e ás universidades, ás casernas e aos arsenaes mais importantes das cidades que lhe foi dado perlustar, conversando profissionaes, manuseando tratados, buscando nos livros e, sobretudo, nesse grandioso *in folio* da Natureza, fontes onde se abeberasse a sua mente sequiosa do saber.

Dessa romaria espiritual de intelligência e de sonho deixou-nos o saudoso patricio, nas paginas das chrônicas que enviava a uma folha carioca, o sôrvo capitoso das impressões hauridas, índice de uma alma culta e nobre, que sobrepairara sempre aos rasteiros cabotinismos infelizmente tão ao gosto e da índole da nossa gente.

Foi sobretudo a Inglaterra, o paiz liberal por excellencia, que encantou a Taine e a Bourget, a Garret e a Nabuco, que mais profundo vinco lhe deixou no espirito juvenil. E tanto como as instituições britannicas, augustas pela sua nobre antiguidade e pelo sôpro sempre novo de liberdade que as anima, fallou ao sentimento do moço americano a própria natureza londrina, de que deixou insculpidos aspectos vários e interessantes em mais de um dos seus escriptos.

Vale aqui referido, à guiza de documentação do seu estylo, que fóra das monographias versantes assumptos technicos sabia colorir de tons vivaces e impressivos, um trecho daquella formosa e já bastas vezes citada descripção *do Jardim Botânico de Kew*:

Elogio Fúnebre - General Doutor Caetano Manoel de Faria e Albuquerque

“Não longe fica o delicioso Jardim de Kew, que á distancia. se annuncia pela sua esguia torre japoneza. Tem grandes lagos, cuja superficie tranquilla é rasgada pelos cysnes alvos e vaidosos.

Os cysnes, entre os palmípedes, são como as palmeiras, entre as monocotyledoneas; aquelles têm a mesma gentileza destas. Uns apoderam-se da superficie quieta dos lagos, e outras são as damas hospitaleiras dos desertos abrazadores. Mares, lagos e desertos significam quasi a mesma cousa: dão idéa de solidão e tristeza; os cysnes são as alegrias dos lagos e as palmeiras são o encanto dos desertos.”

Era natural conquistasse de golpe uma situação de destaque, no meio acanhado e provinciano da Cuyabá de 80, quem assim se apresentava armado e municiado com os recursos do talento, da cultura e da eloquência.

E assim foi.

O tribuno

Ainda perdura, viva e indelével, na memória dos temporaneos a lembrança das conferencias políticas do Theatro São João e dos discursos literários da Terpsychore, que marcaram época nos annaes partidários e nas chronicas sociaes de nossa terra.

Relatou-me faz pouco um meu estimado amigo e duas vezes confrade (3) a sua impressão de uma daquelas conferencias. Era em 1889, pouco antes da inauguração do regime republicano e governava a província o General Cunha Mattos, com quem se encerrou a série dos Presidentes da Monarchia. O prurido de republicanismo alastrara-se por todo o paiz e até Cuyabá já possuía o seu partido republicano, organizado no anno anterior. Foi numa festa commemorativa do 7 de Setembro.

(3) Ovídio de Paula Corrêa

JOSÉ DE MESQUITA

O theatro estadeava a pompa de uma solennidade official. Imponente o seu aspecto, cheias as duas ordens de frisas e camarotes, a platea e o palco garridamente ornamentados. O alto mundo político e social, a gente fina da, época, toda a Cuyabá do bom tom floria naquella sala de espetáculos onde a elegância e o civismo se tinham conjugado para uma sessão grandiosa e brilhante.

Iniciado o programma, reponta a uma das frisas, guindada ás honras de tribuna, o orador official: bella figura marcial, dominava o auditório numeroso e escolhido com a sua presença, na sua farda cujos alamares scintillavam a luz que jorrava dos grandes lampeões. O seu discurso, que se abriu por uma imagem feliz, a delatar o mathematico a que os principios da geometria eram familiares, foi uma verdadeira oração á democracia, um hymno fervente e sincero á liberdade. Esfusiavam os tropos, fulgiam as imagens, coriscavam os apódos, rugiam os epiphonêmas, resahiam as enargias—altos relevos do estylo,—e emquanto, como aceradas settas, as ironias esvoaçavam e o florête do sarcasmo, na manipreste esgrima da oratória, feria sem maguar, davam-se as mãos o sublime e o pathetico para produzir no animo da assistência a deslumbradora impressão de uma pyrothechnia de palavras, cujo brilho offuscava as próprias luzes do salão.

Semelhante linguagem denunciativa, ele resto, do estado de animo francamente revolucionário que contagiava todo o Exercito de depois da guerra, não podia sorrir ao delegado do governo imperial, posto que militar também, e, dahi, emquanto todo o theatro applaudia ardorosamente o feroso tribuno, num estrugir frenético de palmas, o Presidente e a sua ródá, mal terminada a peroração, já ouvida de pé, retirarem se intencionalmente em signal de desagrado. Foi um escândalo. Soffrera o protocollo; no intimo, porem, nenhum dos presentes deixara de approvar as palavras do orador, que era como um formidável Ezequias — propheta da era nova — a

antever o dealbar radioso da Republica que dali a três mezes se converteria em realidade.

Nada surpreendia, entanto, naquella explosão de entusiasmo sincero e ardido, conhecido como era o conferencista que já vinha, no proseguimento do seu programma de propagandista liberal, realizando uma série de outros discursos naquelle mesmo local, procurando erguer o nível da cultura política dos seus coévos.

Referindo-se a outra conferencia, dada em 4 de Agosto desse anno, sobre o thema “Crise geral do paiz, devido a descrença nos programmas dos partidos” assim se exprimia “A Gazeta” de Vital de Araújo:

“...Fêl-o de maneira que extasiara o auditório, e de instante a instante era o orador interrompido por calorosas salvas de palmas. Sobre candidatura official”, com tanta precisão, com tanta verdade discorreu o sr. dr. Caetano, censurando os governos que as impõe, e o centro de um partido que as adopta, que fez subir de ponto, nesse momento, todo o delírio entusiastico do auditório.” (4)

Era bem o verdadeiro typo do tribuno, do orador que se impõe á grande massa. no calor da phrase, na vehemencia do gesto, na simpathia do assumpto, na identidade do sentimento e foi assim que o conheci e o vi, em mais de uma circumstancia para memorada, sobretudo naquella noite de 15 de Agosto de 1916 em que, da sacada de sua janella, na sua voz stentorica, fez vibrar o povo num improviso forte e impressivo que jamais poderá esquecel-o quem o tenha ouvido.

É este o aspecto talvez mais notável de sua, personalidade, a faceta luminosa por excellência do seu

(4) Citada n^o “A Data,” de E. de Mendonça, na Gazeta Official, de 4-8-1917

JOSÉ DE MESQUITA

talento. Como tribuno, não ha negar, elle é único, insuperável e enche, sósinho, com o fulgor de sua palavra e o ruído das suas campanhas,—Iokanaan solitário a annunciar o advento dos grandes ideaes—o deserto idumeu da nossa Historia politica.

O orador de salão

O árdego propagandista da idéa nova não excluía em Caetano de Albuquerque o burilador elegante de discursos de salão, maneiroso e gentil, que nas festas da “Terpsychoe Cuyabana” em formosas orações, de fino labor literário, fazia as delicias da geração de 1880.

Já desde a inauguração da sociedade, em 18 de Agosto de 1883, proferia elle, como seu primeiro orador, o discurso official “dirigindo-se a tribuna, sob uma sala de palmas.” (5)

O velho sobradão que fôra de Poupino, no largo da Matriz, fulgia ao brilho estupendo das luzes e maior ainda dos luminosos olhares femeninos. Batovy, o fundador do clube, e o seu séqüito, a imitar uma pequena côrte de província, attrahiam as atenções. Era toda uma plêiade de intellectuaes, um ambiente aromado de arte e de poesia o que se respirava naquelle salão.

A Cuyabá do antigo regime, a Cuyabá do meiado do século oitocentista, pedia meças a qualquer cidade da época na cultura, no polimento social, no gosto pelas artes, pelas letras, e, sobre tudo, pela musica, dansa e canto. Os nomes de um Costa Barros, poeta e orador, de um João Carlos Muniz, de um Cintra, de um Gonçalves de Carvalho, de um Antônio Corrêa, de um J. Thomaz, de um Pedro Ivo, de um José Magno, são outras tantas estrellas da lúcida constellação que então irradiava na

(5) E. de Mendonça, Datas II, 102

Elogio Fúnebre - General Doutor Caetano Manoel de Faria e Albuquerque
imprensa e nos salões, dos quaes apenas o último sobrevive e ahi está, relíquia sacra desse passado de gloriosas evocações...

No concerto que se seguiu sob a direcção do Maestro Carlos Helber, entre as senhoras que tomaram parte se distinguuiu a jovem esposa do orador, D. Adelaide de Albuquerque—esbelta e loira, um *que* de européa na delicadeza dos traços, uma linha aristocrática a lembrar a ascendência dos seus maiores nas maneiras delicadas.

O Jornalista

Nenhum aspecto, diga-se, ha tão complexo e difficil de analysar num homem publico como o seu *facies* jornalístico. Proteiforme e instável, a política por si só é uma esphinge, mais indecifrável que a que se deparou a Edipo na estrada de Thebas. Mas a política da imprensa, a política jornalística, a política que faz e guia a opinião, essa é ainda mais difficil de caracterisar-se.

Não assim, todavia, em se tratando do nosso biographado, cuja linha de coherencia, mau grado as apparentes variações, lhe imprime segura directriz na actuação de jornalista, reflectora dos seus gestos e attitudes na vida publica.

Madrugou-lhe no espirito de adolescente o gosto pelas letras e o pendor pelo jornalismo.

Acadêmico ainda, fundara, na Escola Militar, um Centro literário, cuja revista sempre frequentou como dos mais assíduos collaboradores.

Chegando á terra. natal, com pouco o vêmos á frente do organ liberal “A Província de Matto-Grosso” lançando no numero de 25 de Maio de 1884 o seu artigo de estréa, concebido em linguagem forte, nova, persuasiva e que assim começava:

JOSÉ DE MESQUITA

“Faço hoje a minha estréa jornalística no ponto em que mais renhidas e encarniçadas se travam as lactas das idéas; grandes e nobilíssimas luctas”.

Mais adiante, se definia desta Maneira:

“Filiado por convicção aos sagrados princípios da democracia moderna, posso dizer que tenho passado a minha ainda curta vida a aspirar o oxigênio tonificante da athmosphera luminosa que envolve a bandeira do liberalismo contemporâneo pelo qual bater me hei sempre, até que por fim veja, num supremo esforço, que será também a agonia derradeira, fugir-me a ultima energia de que seja capaz”.

E planizava assim, numa synthese, o seu programma, jornalístico:

“Mas, esta verdade se diga: para que a discussão seja fecunda e não tenha a tristissima esterilidade daquillo que, por uma ingratição da sorte, é indigno de uma producção qualquer, é preciso que se deslize por um terreno limpo de offensas ás boas normas de civilidade.

Assim é que eu a desejo, e só assim a acceitarei no posto honroso em que me collocaram os amigos.

Os adversários sempre me encontrarão tendo na dextra a arma do cavalheiro que *respeita para ser respeitado* e que, batendo-se a peito descoberto, frente á frente, o faz levado somente pela dedicacão ás verdades da sua biblia, pelo amor ás idéas do seu credo político”.

A esse artigo de apresentação seguia-se, com pequeno intervallo, outro rotulado “A política dos deveres” em contraposição á famigerada política que só tem direitos, inspirado nas severas doutrinas de Joseph Droz, historiador e moralista, que viveu no reinado de Luiz XVI, tendo feito parte da Academia Franceza. Conta-nos, na sua “Historia de uma presidência”—espécie de confissão política, curiosos retalhos autobiographicos

Elogio Fúnebre - General Doutor Caetano Manoel de Faria e Albuquerque editados, em 1919, na revista carioca "Actualidade" — haver perdido o primeiro artigo, só conservando o segundo, datado de 22 de Junho de 1884.

Nesse mesmo trabalho relata o saudoso consocio curioso episodio quanto ao seu nome que, da primeira vez, sahi no cabeçalho do jornal precedido do titulo Doutor.

—“Fui á typographia e disse ao Calhao:—No próximo numero não quero o Dr. Mande pôr em vez de Dr., de engenheiros, ficando: Director Politico: Capitão do engenheiros Caetano Manoel de Faria e Albuquerque.”

E assim se fez.

Os seus trabalhos de imprensa têm invariavelmente a feição doutrinaria, solene, chegando ás vezes, ao emphatico. O jornalista trahe o tribuno, que elle o era em tudo e acima de tudo.

Alma aberta, espirito franco, escrevendo ou fallando dizia o seu pensamento, sem preocupações machiavellicas ou tallevrandescas de occultar, sob o disfarce da palavra e a roupagem do estylo, a nuêza dos princípios.

Nota-se-lhe, sobretudo, a propensão para apostolizar, pregando aos seus conterrâneos as grandes verdades da democracia, principalmente a necessidade da ordem e da paz, como condições imprescindíveis do progresso: “Quando no seio de um povo as luctas políticas degeneram em conflictos armados—dil-o, em artigo vindo a lume no “O Matto-Grosso” de 2 de Abril de 1899—quando a divina *Céres* deixa de presidir nos campos a germinação da abundância para ceder seu lugar aos desígnios devastadores ele Bellona, perto e bem perto lhe vem a desgraça, em todas as suas formas múltiplas e flagellantes.”

É a mesma linguagem que, sete annos antes, empregara na “Carta aberta” publicada no “Diário de Noticias” do Rio, apos a revolução de 1892:

JOSÉ DE MESQUITA

“É no seio da ordem, como principio de estabilidade e conservação, que se operam os phenomenos dynamicos do progresso e ninguém mais do que nós, mattogrossenses, ninguém mais do que nos, filhos desse solo abençoado, que a mão pródiga da natureza opulentara tanto, ninguém mais do que nós tem necessidade de ordem, de tranquillidade, de paz para que os nossos esforço, só exclusivamente apontem um *desideratum*: a grandeza da terra em que nascemos ou á qual nos vinculamos pelos interesses materiaes” (6)

Um dos seus últimos artigos de imprensa escreveu-o para a “Actualidade” a quando das festas bicentenárias de Cuyabá. É uma pagina cheia de unção e de ternura, que realça o amor immenso que sempre votou a esta terra. Pondo de parte a digressão histórica, em que transparece o estudioso do nosso passado, revelando apreciáveis conhecimentos na matéria, quero referir-me tão somente ao fêcho tocante desse escripto, pungente canto de cysne, já quasi ao encerrar de uma carreira jornalística, em que o *leit motif*, o estribilho constante, o refrão de todos os dias fora o amor á terra natal.

Ouvi commigo essa pagina e capacitaes-vos si pode haver mais tocante extravazar de sentimento, do que nessa invocação á terra distante, no seu grande dia, invocação em que se presente o rorejar das lagrimas da saudade indissimulável e os singultos de um affecto resistente a todos os dissabores. É bem a voz do filho que, de longe, exora, em uma prece dulcíssima, o carinho materno, do qual se vê privado pela rudeza da sorte:

“Assim alvorecem os primórdios de Cuiabá, nas lavras do Subtil, no sitio conhecido pelo nome — “Tanque do Ernesto.”

(6) "Diário de Noticias" do Rio, de 15 de Outubro de 1892

A 8 do mez corrente, a *ever green twon*, como recentemente a chamou um turista inglez, na verdade — “cidade sempre verde” vai celebrar o seu bicentenário

Festa officiaes se vão fazer; no meio, porem, daquelle bulicio, daquelle alegria exterior, talvez a ouvidos attentos não escapem as vozes daquelle passado, tão longínquo, num contraste duro com o presente, que afflige e entristece.

Terra bem querida, terra de Abrahão, terra em que nasci, mãe carinhosa e bôa do meu ser, divina inspiradora de tudo quanto possuo de sensibilidade moral, de impulsos e inclinações nobres, dignas; de tudo quanto me vai no cérebro e no coração de bondade ou de maldade, de grandeza moral ou de vilania, daqui te mando, triste como a própria saudade, este tributo de carinhoso amor filial” (7)

O escriptor

Sobre tribuno e jornalista foi também Caetano de Albuquerque autor de obras varias versantes assumptos e themas os mais dispares. Começou por publicar um “Resumo chorographico do Estado de Matto-Grosso” editado no Rio, em 1894, na typ. de Pinheiro e Cia., num folheto de 33 paginas in 16, do qual veio a tirar uma 2ª impressão em Cuyabá, na typ. Avelino, em 1899, mais desenvolvida em 38 paginas. Obra escripta com fins puramente didacticos, resente-se de algumas falhas, mas vale pelo intuito que lhe causou a publicação e está concebida em linguagem clara e methodo pedagógico apreciável.

Segue-se-lhe, em 1911, o “Diccionario technico militar de terra” impresso em Lisbôa, na typ. do

(7) A “Actualidade” do Rio, edição de Abril de 1910

Annuario Commercial, em alentado volume, offerecido ao Marechal Hermes da Fonseca, “indefesso reorganizador do Exercito Nacional”.

Trabalho único no gênero entre nos, indica a vasta e polymorpha cultura do seu autor, que se não restringe ao campo puramente militar, antes, no farto vocabulário lexicographado, abrange conhecimentos de historia, indumentária, diplomacia, sciencias naturaes e phisicas, estratégia e legislação, no que se relaciona com a especialidade em apreço.

Digna de figurar ao lado dos estudos congêneres de Almirante Estevanes, Henrile e outros, não ha procurar nessa obra grande originalidade, de resto incompatível com trabalhos dessa natureza e é o próprio autor quem nol-o affirma, confessando em sua sinceridade, no prefacio:

“Seu primeiro defeito é a sua escassa originalidade, o que, alias, não é para motivar extranheza em obra desse genero”.

“Si eu relatasse tarifas” apparecido em 1915, em edição do “Jornal do Commercio” num volume de 66 paginas, é um valioso trabalho de synthese e vulgarização de theorias econômicas acerca de politica aduaneira, contendo curioso estudo sobre a evolução do commercio e farto em minuciosas annotações eruditas.

Escreveu-o como “um testemunho de quanto se esforçara para ganhar honradamente o seu subsidio”—explica, em um rasgo de modéstia, no inicio do trabalho.

Datadas de 1916 vêm, após, a “Mensagem” e a “Resposta que offereceu a Assembléa Estadoal sobre a denuncia que contra elle fôra offerecida”, formidável peça de defesa que, nas suas mãos, assume as proporções de libello contra os seus accusadores, rematando com o conceito do grande tribuno hespanhol Castellar:

«Nunca fica na Historia uma grande injustiça, sem um grande castigo».

Por ultimo, finaliza a lista de suas obras o “Manual do empregado do Commercio” que deu a lume no Rio, pouco, tempo antes de seu falecimento

O parlamentar

Da sua passagem pelo Congresso, em duas phases memoráveis, a da Constituinte e a do quadriênio Hermes, deixae que vol-o diga, em insuspeito depoimento, um dos seus collegas de bancada, o nosso também illustre confrade Dr. Annibal de Toledo, que, posto que seu ardoroso adversário, lhe compoz, em um gesto de nobreza que o dignifica, o sentido necrológico, na sessão de 29 de Maio deste anno:

“Entre os nossos antigos companheiros daquellas memoráveis jornadas parlamentares do quadriennio Hermes, que os azares da política não nos arrebataram ainda ao doce convívio desta casa, ou elevando-os a posições mais altas ou atirando-os as durezas do ostracismo, na lembrança de todos elles, Sr. Presidente, deve estar bem viva ainda a figura do velho tribuno matogrossense, sempre altivo, e altaneiro no seu porte, bravo no gesto, destemeroso nas attitudes, sincero e ardente; em que todos nós nos habituamos a admirar e applaudir, mesmo divergindo delle, a sua extraordinária eloquência, a insoffreavel fluência de sua palavra, a mocidade perpetua de seu espirito, de suas ideas, de seus conceitos.” (8)

Que mais additar a essa evocação feliz do perfil do extinto parlamentar ?

Os seus trabalhos na Commissão de Finanças, da qual os seus talentos especializados determinaram fizesse

(8) Diário Official de 29-5-1925, sessão—Diário do Congresso Nacional

JOSÉ DE MESQUITA

sempre parte, o conseguimento de vários e importantes serviços públicos em bem dos seus mandantes, entre outros os 3 traçados ferroviários de Porto S. Francisco ao Alegre, ele Santarem a Cuyabá, e de S. José de Rio Preto também a Cuyabá, a sua linha de independência, que lhe valeu ser tido por anti-florianista,—são factos notórios, conhecidos e não ha mister cital-os, quando ahi estão, nos Annaes da Câmara, os vestígios luminosos e recentes ainda da sua passagem.

O militar e engenheiro

A sua carreira nas armas é das mais cheias e brilhantes.

Publicando a sua fé de officio, em 1916, como resposta a detractores anonymos, que pretendiam atirar sobre a sua farda honrada os salpicos de lama da calumnia, patenteou-nos o conhecimento integral de sua vida militar repleta de serviços ao paiz durante cerca de meio século. De 1871, quando assentou praça como voluntário, até 1913, data de sua reforma como General de Brigada, (9) o valoroso soldado brasileiro dignificou sempre o Exercito nacional e honrou o nome matogrossense.

Como technico, por outro lado, avantajou-se sempre entre os seus camaradas, e, moço ainda, lhe eram confiados cargos importantes nas obras militares do Pará (1882), Matto-Grosso (1883), Piauhy e Parahyba (1886) e, em seguida, encarregado, ao lado de Pimenta Bueno (F.A.), da organização da carta das fronteiras (1888).

No regime actual destacam-se os serviços na Commissão Telegraphica de Leste (1890), no Laboratório

(9) Tec. de :9 de Cot- vibro, publicado no Diario official de 12.

Pyrotechnico, (1891), e sobretudo na estrada de ferro Paraná-Matto-Grosso.

Mereceu sempre as melhores referencias dos seus superiores, e, no antigo regime, o titulo de Cavalheiro de Aviz, e, no novo, a medalha militar de ouro conferida aos que apresentem mais de 30 annos de bons serviços.

São documentos valiosos de sua capacidade profissional os estudos que nos legou, constantes da relação seguinte:

-Estudos e reconhecimentos da zona que medeia entre Guarapuava e o rio Paraná, para construcção de uma estrada de ferro segundo o traçado de Rebouças

-Estudos para construcção de uma linha Telegraphica de Corumbá ao Forte de Coimbra

-Estudos relativos à defesa das costas do Brasil.

Esse homem, entretanto, cuja vida foi uma dedicação perenne ao seu paiz, morrendo recusa as honras militares a que tinha incontestável direito.

Gesto dictado ou por um nobre sentimento de modéstia ou pela amarga desillusão dos annos,-quanto de profundos ensinamentos nos revela na sua muda, mas eloqüente superioridade !

A presidência

Foi na presidência do Estado que se me ensejou conhecer o General Caetano. Eleito em Março de 1915, assumia a 15 de Agosto a gestão dos negócios públicos. Não o tendo procurado sinão uma vez, em palácio, e isso mesmo em commissão da Escola Normal, de cujo corpo docente fazia parte, surprehende-me, em Outubro, a nomeação para alto cargo de confiança que se vagara na administração estadual.

Sorprehende-me, digo bem, pois, num meio em que, em gera, o servilismo se erige em pedra de togue por

onde se aquilata a valia dos candidatos, aquella nomeação não pedida, nem insinuada siquer, me trazia perplexo.

Fui-lhe agradecer, desta vez em sua casa e ouvi de suas bocca estas palavras textuaes:

-“Tenho informações do Sr. que me autorizam a conhecê-lo. Mal de mim se me visse obrigado a escolher os meus auxiliares entre os que se inculcam para os cargos... quasi sempre incompetentes.”

Menos de um anno após pedia exoneração do cargo, para não ser apanhado por uma lei personalíssima - uma dessas rasteiras vinganças políticas - que o supprimia e guardo ciosamente no meu archivo a carta assaz generosa que pelo presidente me foi então dirigida.

Este episodio relato-o apenas a título de documentação do seu modo de agir no governo, pois, do contrário, penoso me fôra metter mentes a caso em que me visse envolvido e em cuja narrativa não faltarão malélicos a entrevêr immodestia ou amor próprio.

Innumeros outros se lhe poderiam juntar, como o da escôlha do nosso illustrado confrade, um dos nomes mais dignos da geração actual e deste Instituto, Virgilio Corrêa Filho, escôlha feita fóra e até contra as injucções políticas e que, posto se não efectivasse, lhe valeu as primeiras demonstrações de hostilidade do partido então dominante.

O que foi o seu governo é muito cêdo para analysal-o. Scenas de hontem, cujos personagens na mór parte ahi estão, fallece ainda a necessária serenidade a quem se proponha a julgal-as.

O seu plano de governo tracejou-o no Manifesto de 10 de Fevereiro de 1915 (10) no qual esboçava “os principaes intuitos que servirão de directriz a minha acção administrativa, que toda ella será inspirada no bem do Estado”.

(10) Gazeta Official de 13 de Abril desse anno.

É um documento revelador da sua alta cultura, uma pagina para lida, relida e meditada.

A sua linguagem erudita, trecheia como sempre de citações, indicia-lhe a erudição mental, o conhecimento dos problemas focalizados, mas torna os seus trabalhos nesse gênero, inclusive a Mensagem de 1916, pouco acessíveis a grande massa, a que repugnam por pabulo os acepipes delicados.

Aborda com segurança—quer no manifesto de 1915, quer na mensagem do anno seguinte—os magnos assumptos do povoamento, da instrucção, do fomento agrícola, dos transportes, revelando sempre alta compreensão de nossas necessidades mais imperiosas.

Não lhe foi permitido realizar o seu programma que ficou assim como uma estátua gigantesca de que apenas o socco se começara a eregir, ao tempo que um turbilhão lhe arrastou os fundamentos.

“Mais victima de si mesmo do que de factores externos” tal com elle mesmo se nol-o definiu, teve a illusão de suppor que se pudessem alliar a ideologia e a acção, a vida de pensamento e a vida de partido, o visionário dos largos surtos e o realizador das obras materiaes, preso pelas algemas da conveniência e limitado pelos estreitos horizontes de uma política de pessoas e interesses !

Disse alhures um escriptor portuguez (11) e applica-se bem ao caso do nosso patricio: “A política é a acção. A literatura, a ideação, a espiritualidade”.

A política é essencialmente anti-esthetica. Dirigir é fundamentalmente transigir. Escrever é orientar, o que deve ser incompatível com a transigência.”

Dahi esse desequilibrio eterno entre o ideal e a realidade, que fez que o platônico sonhador de tão

(11) Augusto de Castro.

bellas utopias quasi nada pudesse objectivar dos seus ideaes.

Costumava elle repetir sempre, alludindo a circumstancia de haver governado com os dois partidos sem que em nenhum encontrasse o estalão dos seus desejos, estas palavras, paraphrase de outras attribuidas ao Barão de Melgaço:

—”Ou eu não sirvo para os partidos, ou são elles que não me servem”.

Muito soffreu no seu governo e mesmo depois, ainda por causa d'elle, confirmando dest' arte aquelle, justo pensar de Fr. Luiz de Souza, sobre as posições de mando:

“Promette a Pátria descanso, quietação, paz e alegria. Mas é miserável a condição dos que governam por mais que a doure a ambição.” (12)

Os zoilos

De tudo o accusaram. Não houve pecha, baldão ou vilipendio que lhe não atirassem. A cadeira presidencial de Matto-Grosso tem sido e continuará a sêr o leito de Procusto de todos os nossos homens públicos, emquanto o fermento da incultura política gerar essas opposições enfezadas e doentias, virulentas e systematicas que medram, nos paues do despeito e do ódio pessoal, como a flora envenenada dos pântanos da Batavia

“tulipas de ouro vivo,
fulvos nagassarís de ampla corôa, flores
de angsoka, pompeando a opulencia das cores”
mas das quaes, no dizer do poeta,
“no fundo,
sobre os trôpegos pés movendo o corpo immundo,
vae de rastos um sapo hidrópico e nojento.”

(12) Vida do Arcebispo.

A elle nem lhe respeitaram a probidade pessoal, a linha do proceder sempre puro e para assacar-lhe as mais torpes invectivas embeberam-se as pennas na tinta de Aretino e do Poggio convertendo-se, por vezes, a folha partidária em pagina de pornea mal velada.

A tudo respondeu com a nobreza do seu desdenhoso silencio, com a linha de sua superioridade moral e venceu, porque vencer não está nas victórias fáceis de um dia, no applausos ephemeros das turbas, nos desvarios das claques mercenárias e boçalizadas, mas sim no juízo sereno da posteridade, na discreta aprovação dos homens sensatos e, sobretudo, no suffragio irretragavel da consciência, juiz indefectível, tribunal sereno, julgador que jamais se corrompe ou parcializa, no tumulto ambiente das paixões, pois é uma refração divina na miserável argilla humana, precária e contingente.

Erros os teve e não pequenos, mas qual o político, o homem de Estado, que lhe poderia, em san consciência, atirar a primeira pedra ?

Guiou-o quasi sempre a intenção de acertar, que por si vale a melhor dirimente aos desacertos. De outras feitas impoz lhe o falsear a própria contingência occasional e ineluctavel da política.

Entre as coimas que lhe são feitas constantemente sobreleva a de haver, em 1892, tomado parte saliente na deposição do presidente Manoel Murтинho, prólogo do movimento que, em Maio desse anno, abriria para Matto-Grosso a era sombria das “revoluções”.

Vejamos como elle nos reconta, na “Historia de uma presidência” cap. XIX, esse episódio de sua vida política:

“Deu-se o golpe de 3 de Novembro de 1892; eu o applaudi. Veio o contra-golpe a 23 e Floriano conseguiu derrubar o bravo Deodoro, cujos padecimentos physicos eram cruéis, justamente na hora em que

eu me embarcava para Matto-Grosso. Em Montevideo soube das primeiras deposições de governadores, precedente nefasto que condemnei indignado: dahi vêm as “salvações”. Chegado ao Estado, aconselhei calma, moderação.”

E, mais adiante:

“A revolta da tropa foi para mim uma surpresa.... *Pediram-me* que eu fosse o orgam da deposição. Declarei que, representante federal do Estado, eu só accetava a deposição do Dr. Murтинho por ser seu governo fructo duma violência...”

Ora, quem assim se exprime, com semelhante lealdade, chegando a reconhecer no adversário da véspera, o Dr. Murтинho, um presidente que governou com moderação e deu a Matto-Grosso boas leis, (13) póde ter errado—e errou, por sem duvida, desde que converteu a força, mero instrumento do direito, em factor de uma situação — mas tem na lisura com que agiu, sem interesses subalternos ou premeditação, a excusa de seu proceder.

É preciso também pezemos as circumstancias do facto, o meio e a época, o accesso da paixão partidária que campeava, a comichão militarista—pecado original da Republica—e, sobretudo, o ascendente por elle exercido no seio da sua classe e do seu povo, preindicando-o ao desempenho da tarefa ingrata que lhe solicitaram.

Bem caro, entanto, resgatou essa falta e o tempo — mestre inexorável de experiência — se encarregou de fazer-lhe vêr quanto errara, bem que sincera e desprecavidamente.

No esmar-lhe, porem, qualidades boas e más, virtudes e defeitos, andam as primeiras em enorme superioridade e as ultimas, em bem pequena percentagem e só o poderá negar a critica villan dos zoillos pequeni-

(13) Actualidade, do Rio,—30 de Nov. 1919

nos que aponta as manchas pretendendo denegrir o sol e detrahe das obras porque contêm senões ligeiros esquecendo-lhes as bellezas, muito maiores.

Mas, quanto a esses, bem se applicam á justa, as palavras profundas daquelle livro admirável que é a “Imitação de Christo”.

“Não dependa a tua paz da bocca dos homens, pois quer julguem bem ou mal de ti, nem por isso um outro serás”.

Ultima campanha

A campanha de 1921 pela cadeira da Câmara foi a ultima lucta em que se empenhou, pondo nella o resto de suas energias e sacrificando-lhe as suas derradeiras illusões.

Aqui esteve mezes, excursionou pelo Sul, fez conferências, escreveu artigos, trabalhou, esforçou-se, bateu-se pelo conseguimento do seu designio—tudo bem visto, em pura perda. Cegava-o mais uma vez a bôa fé, moeda de nenhum curso nos dias que correm, quando não moeda falsa que só serve a comprometter os que com ella se deixam apanhar.

Bôa fé immensa, candidez ineffavel a desse político que havendo vivido para e pela política, tendo-a evangelizado desde os verdes annos, acompanhando *paripassu* o evolvêr da nossa vida partidária, fecha a sua carreira com essa ingenuidade, só compatível com a mais completa inexperiência, de acreditar na possibilidade de, num pleito eleitoral, sahir vencedora a candidatura de um pretendente que, fóra dos partidos, se apresenta, exhibindo como credenciaes únicas os seus serviços á collectividade.

Na carta aberta ao eleitorado, publicada a 30 de Janeiro daquelle anno, expõe elle o que fizera até ali a prol do bem estar de seus conterrâneos; a 20 de Fevereiro seguinte,—já nas vésperas da eleição—publica,

sob o titulo “A Carranca” outra carta em que, em linguagem vehemente, condemna as unanimidades que para elle, são “a estagnação, a podridão, a morte.”

E sentencia:

“Tudo que é homogêneo é atrazado: onde não ha movimento não ha vida, a vida é a lucta, o progresso é a variedade, a heterogeneidade. Opiniões unânimes criam a rotina, não levam um povo para a frente. Opiniões unânimes exigem cerebrações unânimes, absurdo physico e psychológico”.

Inane lhe foi o esforço e pouco tempo depois, tendo logrado insignificante votação, se ia completamente desilludido, retirava-se de vez da politica ao doce convívio da família, a essa amorável felicidade que lhe sorria, do limiar a dentro, no meio dos seus amigos os livros, na sua pittoresca vivenda do Engenho Novo. Ahi lhe decorreram, plácidos e céleres, os últimos annos da vida, até que a Morte, no seu tredo caminhar, lhe arrebatou, com a segunda esposa, a suprema razão de existir.

Abre-se, dolorosa e já entenebrecida de uma vaga penumbra de além-túmulo, a derradeira phase dessa vida que vimos tão cheia na ante-manha ridente, e nos esplendores gloriosos do zénith. Ainda então me foi dado vê-lo uma ultima vez. Foi ali á esquina da Colombo, onde a Avenida e a Ouvidor se interseccionam, á hora em que uma como preamar de vida, de bulício, de gozo sobe e invade a cidade maravilhosa.

Vio-o, á certa distancia, alto, esguio, no seu lucto pesado de viúvo que lhe punha nas feições macilentas uma extranha e dolorosa expressão. Parecia alheio a todo aquelle ambiente tumultuoso e radiante que o cercava. Movia a piedade. Era como uma sombra evadida as regiões melancólicas do alem-mundo. Não sei porque, secreto bater do coração me advertiu cá dentro que era aquella a ultima vez que se me depararia á vista esse boníssimo amigo.

Não me enganara, infelizmente, tão amargo presentimento. Foi isto em Janeiro de 1924. Um anno e um mez após, insidiosa *angina pectoris* punha-lhe, de chofre, remate á vida, a 10 de Fevereiro de 1925.

E perdia, assim, Matto-Grosso umas das altas figuras representativas da sua cultura e este Instituto, que hoje pelo meu verbo o deplora, recebia, pela quarta vez, o sinistro rebate da grande *Mysteriosa*, que assim lhe vinha desfalcar as fileiras de um dos seus membros fundadores...

Peroração

Numa de suas encantadoras chronicas sob o titulo “Les jardins de l’Histoire” narra-nos Jules Claretie a impressão de sua visita a Gambetta, na sua casita, de Bordeaux, em 1871.

O velho tribuno e bravo soldado da Franca, só, ao fundo de uma poltrona, no meio de uma immensidade de papeis, os lia e ia rasgando tudo que lhe parecia inútil, atirando a uma cesta já quasi cheia. Claretie, que o imaginava vencido, cansado, sem esperança, ouviu-lhe, a uma interpellação que lhe fizera, estas palavras:

—«Fatigado, certamente, meu arraigo !
Desesperado, nunca.

Até breve e para a frente ! »

E conclue o judicioso chronista:

“Ambicioso sómente do bem da Pátria, invejoso e altivo dos destinos da França. Leon Gambetta, esse sentimental tão seguro como um mathematico, deveria dizer, todavia, e certamente se dissera, que uma hora chega sempre em que a justiça tem de ser feita ao homem de bôa fé e leal.”

Não vos parece, meus Senhores, que ao nosso saudoso amigo, cuja perda hoje lamentamos, se possa applicar muito bem este conceito que para o grande político francez escrevera o elegante criador de Brichanteau ?

E, que em vindo essa hora da justiça posthuma, caiba ao nosso Instituto a gloria de, pelo menos, atravez deste discurso pobre e incolor, haver iniciado a reabilitação de tão nobre e digna memória.